

Exposição Fio Tinto: caráter imersivo e estudo do público

Fio Tinto Exhibition: immersive character and audience study

Myrella Barbosa Dantas Gico¹

Luciene Lehmkuhl²

Francisca Emanuella Salvador³

Rodrigo dos Santos Souza⁴

Este artigo apresenta a exposição “Fio Tinto - design na produção têxtil da CTRT” ocorrida no ano de 2019. Esta exposição foi desenvolvida em projetos do Grupo de Estudos em História do Design e suas conexões, do Curso de Design da Universidade Federal da Paraíba, tendo como recorte a história do design por meio da produção têxtil no Brasil, na cidade de Rio Tinto, Paraíba, Brasil. A pesquisa foi pautada em trabalhos sobre design de exposições e estudos de público em museus, a partir dos quais é apresentada a exposição, seu planejamento e sua execução, considerando-se a perspectiva do público por meio de material coletado durante a exibição. Como conclusão, observou-se que a exposição, por meio do seu caráter imersivo, possibilitou ao público experienciar o fazer têxtil e conhecer o papel do design e parte de sua história, apontando, ainda, possibilidades de novas montagens em outros espaços e formatos.

Palavras-chave: Design de Exposição; Imersão e Experiência do Público; Estudo de público.

This article presents the exhibition “Fio Tinto - design in the textile production of CTRT” that took place in 2019. This exhibition was developed in projects of the Design History Studies Group and its connections of the Design course of the Federal University Of Paraiba, which focused on studying the history of design through textile production in Brazil, in the city of Rio Tinto, Paraíba, Brazil. The research was based on works on exhibition design and public studies in museums, from which the exhibition is presented, its planning and execution, considering the audience's perspective through material collected during the exhibition. As a conclusion, it was observed that the exhibition, through its immersive character, enabled the public to experience textile making and to

¹ Bacharela em Design (UFPB), myllagico@gmail.com.

² Doutora em História (UFSC), lucilehmkuhl@hotmail.com.

³ Mestranda em Artes Visuais (UFPB/UFPE), manuelasalvador19@gmail.com.

⁴ Mestrando em Design (UNESP), rodrigosts070@gmail.com.

know the role of design and part of its history, also pointing out possibilities for new assemblies in other spaces and formats.

Keywords: *Exhibition Design; Audience Immersion and Experience; Audience study.*

1 A exposição como produto de pesquisas

Este artigo tem como objetivo apresentar a exposição “Fio Tinto - design na produção têxtil da CTRT”, ocorrida nos dias 21 e 22 de novembro do ano de 2019, visando refletir acerca das experiências proporcionadas aos visitantes com o material apresentado, e ainda, identificar como as impressões relatadas pelo público podem auxiliar no planejamento das demais mostras previstas para a exposição que se pretende itinerante.

Com a Exposição, pretendeu-se levar aos visitantes o material para conhecimento da história do design por meio da produção têxtil no Brasil, ocorrida entre as décadas de 1920 e 1980, especificamente na cidade de Rio Tinto⁵, localizada na Paraíba, região do Vale do Mamanguape, situada a cerca de sessenta quilômetros da capital João Pessoa. Nesta localidade foram instaladas a cidade e a fábrica de tecidos da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT), cuja produção têxtil é pouco conhecida na região e na historiografia do design no Brasil.

Ao integrar as atividades do Encontro Unificado de Pesquisa, Ensino e Extensão da Universidade Federal da Paraíba, a exposição foi montada e apresentada aos visitantes, em sala de aula, disponibilizada pela Organização do evento. O material exposto foi proveniente de projetos realizados no âmbito do Grupo de Estudos em História do Design e suas conexões (GEHD), coordenado por Autor, no Curso de Design, inserido no Campus IV. Os projetos foram desenvolvidos através do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica – PIBIC e Programa Institucional de Voluntariado em Iniciação Científica – PIVIC da⁶, entre os anos de 2015 e 2019. O longo período dedicado ao levantamento e análise de dados e realização de produtos, levou os integrantes do Grupo de Estudos a acumular volume considerável de material, culminando com a realização da exposição, visando a divulgação do material coletado junto à comunidade acadêmica e a população local⁶.

A exposição foi planejada com previsão de itinerância em, pelo menos dois outros locais, na cidade de Rio Tinto (local da sede da CTRT) e na cidade de João Pessoa (Capital do Estado), ambas O projeto, no âmbito do qual foi desenvolvida a exposição, recebeu como título “Têxteis fabris: a produção têxtil na Companhia de Tecidos Rio Tinto”, tendo sua vigência como Iniciação Científica, entre 2018 e 2019. Nele, pretendia-se dar continuidade à catalogação das

5 “[...] o complexo fabril implantado em Rio Tinto também situava-se entre os mais importantes do setor têxtil do Brasil. [...] O censo de 1950 indica Rio Tinto como a terceira maior ‘cidade’ da Paraíba” (GUNN; CORREIRA, 2002, p. 142-143).

6 Os percursos de elaboração do acervo documental oriundo dos projetos, incluindo-se o projeto de elaboração da exposição, foram divulgados em diferentes eventos e publicações, dentre as quais destacamos para leitura e conhecimentos os artigos de Gico *et al.*, 2019; Gico *et al.*, 2020a; Gico *et al.*, 2020b, encontrados nas referências deste texto.

amostras têxteis às quais a equipe teve acesso por um curto período de tempo⁷, suficiente, no entanto, para que se percebesse a preciosa oportunidade de trabalhar diretamente com o as amostras dos tecidos produzidos na fábrica da CTRT. A partir desta constatação, decidiu-se por apresentar a um público mais amplo os tecidos produzidos em Rio Tinto, atualmente desconhecidos por aqueles que moram, trabalham e circulam na cidade, cuja fábrica de tecidos encontra-se fechada desde a década de 1980.

O material apresentado na exposição foi revisitado, selecionado e tratado, em processo de curadoria para elaboração do projeto expositivo. Partiu-se dos arquivos existentes no banco de dados do GEHD composto por registros fotográficos digitais das estruturas arquitetônicas e ornamentais do espaço urbano da cidade de Rio Tinto; registros fotográficos digitais das amostras de tecidos oriundas dos arquivos da CTRT (catalogadas com informações técnicas contendo nome e tipo do tecido, cor, quantidade de fios e outras observações); cópias digitais das fotografias de maquinários, oriundas dos arquivos da CTRT; cópias digitais de relatórios de produção, oriundos dos arquivos da CTRT; cópias digitais de páginas de periódicos com informações sobre a fábrica de tecidos da CTRT.

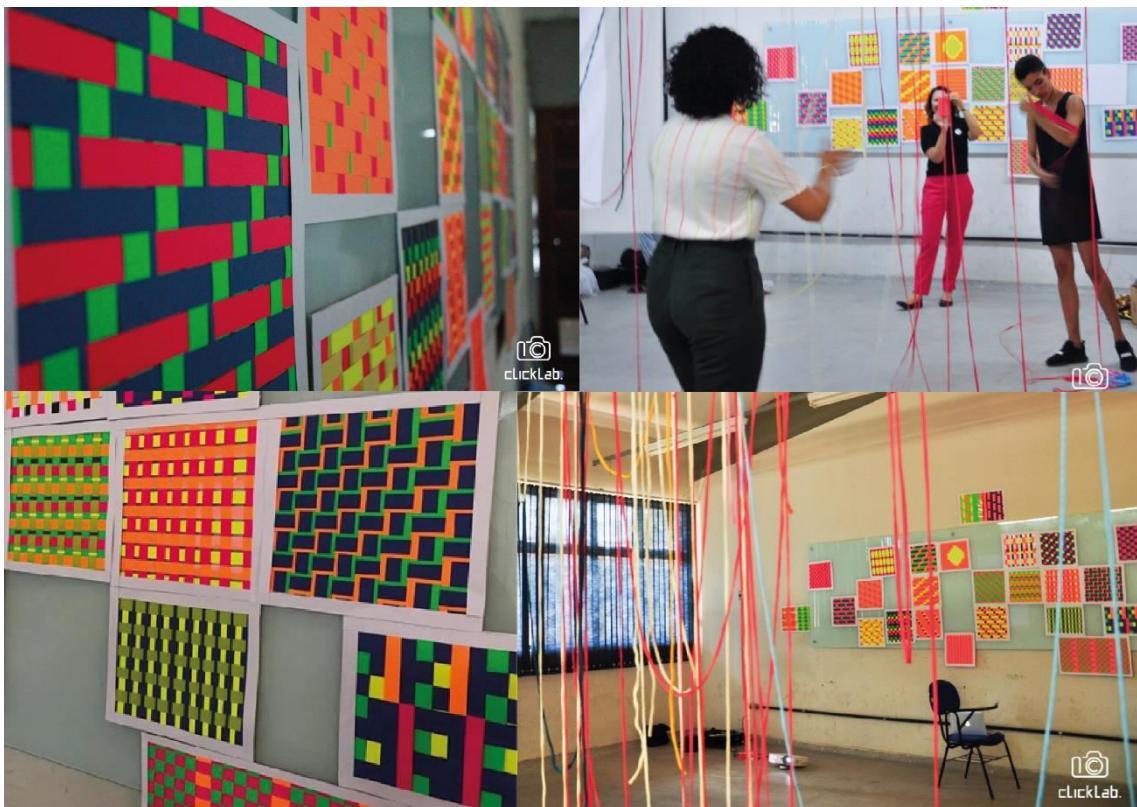
Assim, a exposição apresentou além das amostras têxteis, em formato de fotografias digitais projetadas, teares manuais contendo modelos de tramas, confeccionados em workshop pela equipe do projeto⁸, modelos de tramas realizadas em papel colorido e modelos de tramas impressos em 3D, com o intuito de mostrar macroscopicamente o comportamento dos fios entre a trama e o urdume. Foram apresentados painéis visuais explicativos com imagens dos tecidos, imagens das instalações fabris e dos maquinários nela utilizados, estabelecendo diálogo com a história da produção têxtil e a mecanização dos teares a partir da Revolução Industrial.

O espaço expositivo foi previamente planejado, em projeto apoiado no pensamento de Moraes para quem “a expressão criativa e técnica, em projetos expositivos, vem transformando o espaço físico em um lugar de trocas, sensações e descobertas (MORAES, 2020, p. 32)”. Nesta perspectiva, procurou-se possibilitar ao visitante fazer uso de múltiplos canais perceptivos ao explorar os conteúdos apresentados. Foi então instalado sistema sonoro que permitiu a veiculação do som de maquinários têxteis, com o intuito de criar ambência fabril. Foram também disponibilizados papéis coloridos, cortados em tiras, para que os visitantes construíssem suas próprias tramas, bem como painéis com representações de tramas em papel colorido, como pode ser observado na Figura 1.

7 As amostras têxteis utilizadas pertencem ao arquivo da CTRT e foram gentilmente cedidas temporariamente aos pesquisadores para a coleta de dados.

8 Workshop “Introdução a fibras e tramas têxteis”, ministrado por Priscila Fernanda Cancelier Soranso, no dia 06 de maio de 2019, em Rio Tinto, Campus IV.

Figura 1 – Painel com trama em papel.



Fonte: Os autores (2019).

Como apoio informacional à exposição, foram desenvolvidos *banners* impressos e digitais utilizados na divulgação, placas de sinalização afixadas no local de realização da exposição e, ainda, *buttons* utilizados pela equipe de organizadores e monitores para identificação. Foi também desenvolvido um Folder/Guia ilustrado⁹, possibilitando ao visitante utilizá-lo durante o percurso expositivo ou levá-lo consigo, dando continuidade à experiência iniciada durante a visitação.

Assim, por meio do material coletado, tratado e disponibilizado no formato da exposição, foi proposto o exercício do design, como área específica de conhecimento, contribuindo para a valorização do patrimônio cultural, material e também imaterial, da região e da cidade de Rio Tinto, fazendo reviver na memória dos visitantes um saber fazer esquecido. Vale lembrar que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) define o patrimônio cultural imaterial como "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural" (IPHAN, 2006). Ou seja, a valorização do patrimônio cultural

⁹ O Folder/Guia foi gerado como projeto autônomo oriundo de Trabalho de Conclusão de Curso em Design, desenvolvido por integrante da equipe do projeto: SALVADOR, Francisca Emanuella. **Guia Ilustrado Para Exposição Fio Tinto.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Departamento de Design, UFPB, Campus IV.

imaterial aparece diretamente ligado ao reconhecimento, por parte dos integrantes de uma comunidade, das ações práticas de usos e fazeres de seus artefatos materiais.

Portanto, ao longo deste artigo, procuramos refletir acerca dos aprendizados e contribuições que a montagem da exposição “Fio Tinto - design na produção têxtil da CTRT”, possibilitou à equipe de projeto, incluindo-se as experiências dos visitantes e seus desdobramentos no planejamento das demais mostras previstas para esta exposição que se pretende itinerante e, possivelmente virtual.

2. A experiência do público visitante e o planejamento expositivo

O projeto expositivo é tema abordado em Bravo et al (2017 a, p. 1), sendo consideradas características que denotam a exposição em si, o sentido a ela atribuído e o ato de mostrar. Os artefatos expostos, as informações apresentadas ou discursos abordados são planejados para um público e com fins diversos, sejam estes educativos, de entretenimento, ou com o intuito de promover discussões socioculturais.

A exposição é uma exibição que promove interpretações por meio do compartilhamento de informações. Pode ser considerada, portanto, como um meio comunicativo com características específicas que estabelece uma relação direta entre o público visitante, os artefatos e o espaço. Pode alcançar o lugar da arte, mas também pode discutir o design e, com ele, o cotidiano e o banal (BRAVO et al, 2017, p. 1). Portanto, projetar uma exposição é um processo denso, no qual os fatores que circundam a concepção, como a disponibilização e delimitação de forma estratégica do conteúdo, devem ser articulados e planejados conscientemente (PEDERSOLI; RONCORN, 2013)

A partir dessas afirmações e considerando os procedimentos executados para o planejamento da exposição “Fio Tinto - design na produção têxtil da CTRT”, são apresentados os caminhos tomados para a realização da mostra, que abordou no seu planejamento, a experiência do público visitante à luz do design.

Dentro das perspectivas projetivas, o Guia de Orientação para Desenvolvimento de Projetos (GODP) foi adotado como metodologia, cuja abordagem centrada no usuário coaduna-se à perspectiva da pesquisa realizada, ao “considerar” o visitante e sua experiência como centrais ao planejamento e execução da mostra expositiva proposta.

A experiência de um indivíduo ao interagir com um produto/serviço ou, na realização de uma tarefa, pode ser observada em diferentes aspectos e contextos, incluindo-se o expositivo. Maioli (2018, p. 8), assim como Teixeira (2014) e Pereira (2018), comentam e consideram que o projeto de experiência de um público, bem como o monitoramento e avaliação da interação ocorrida, tem por objetivo promover e identificar os aspectos que contribuem para gerar interpretações positivas ao fim do uso. Nesta seção, são comentados os procedimentos executados durante o planejamento da exposição considerando-se a experiência do público, bem como, o projeto expositivo efetivamente apresentado.

2.1 O caso Fio Tinto

Os tecidos, ou seja, os produtos têxteis desenvolvidos na produção fabril da CTRT, mostraram-se como oportunidade de abordagem ao projeto expositivo. As poucas discussões promovidas sobre o tema e a importância dos tecidos para a Companhia, enquanto empresa, bem como para a cidade de Rio Tinto, enquanto território viabilizador do produto têxtil e, ainda, para a vertente da história do design que se interessa pelo estudo dos produtos industriais do Brasil, justificavam o investimento na exposição.

O planejamento e execução da exposição contou com a revisão do acervo do GEHD, a seleção de conteúdos, a curadoria de objetos, o planejamento do espaço expositivo, a montagem, a divulgação, a recepção do público e a mediação, a documentação do processo, a coleta de dados e a avaliação dos resultados obtidos. Todas as etapas do projeto almejaram o usuário/visitante da exposição, sendo direcionadas a gerar experiências positivas durante a visitação.

Sobre a percepção e experiência do usuário ao interagir com os artefatos, sejam físicos ou digitais, Norman (2018) comenta que as pessoas formam modelos mentais através de experiências anteriores, treinamentos e instruções. Esses modelos podem ser formados essencialmente por meio de ações possíveis, manipulação, alinhados às estruturas visíveis, aqui apresentadas como imagem do sistema, ou seja, aquilo que estimula a visão e a identificação.

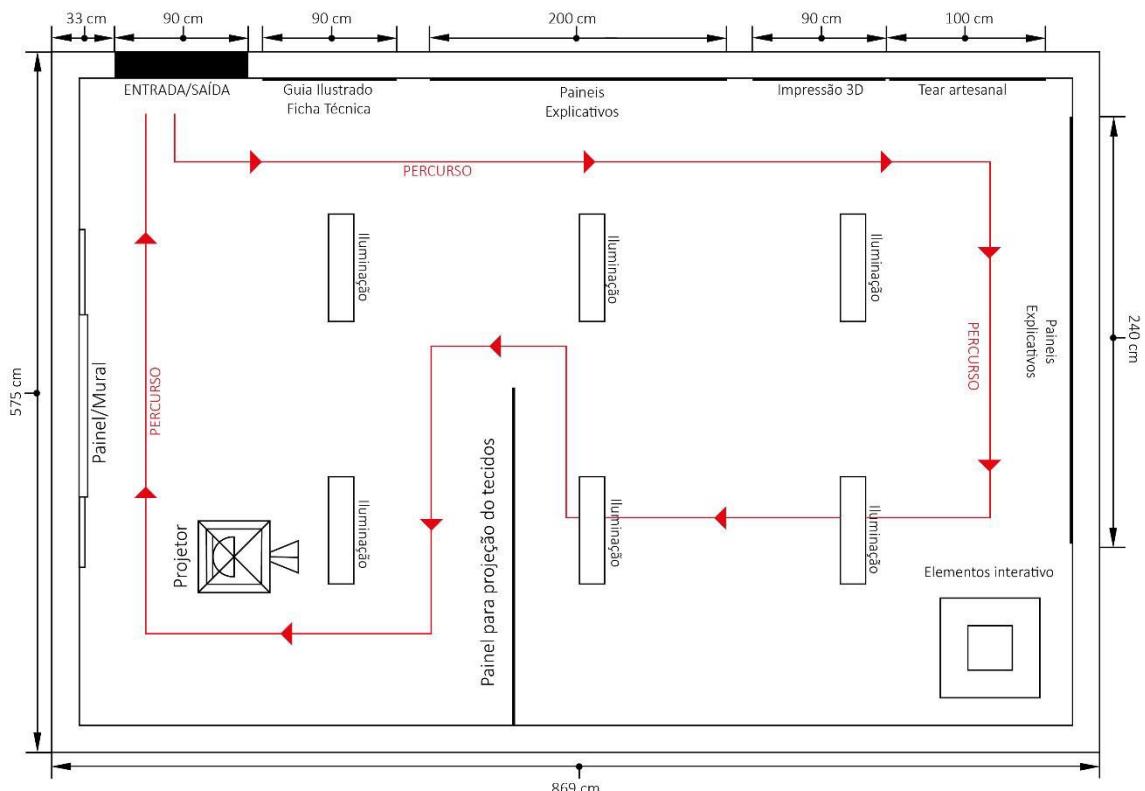
Essa imagem do sistema quando incoerente e inapropriada faz com que o indivíduo não consiga executar as tarefas pretendidas da melhor maneira (NORMAN, 2018). Desse modo, a exposição “Fio Tinto” contou com artifícios para elucidar os visitantes quanto às possibilidades de interação e deslocamento ao longo do percurso expositivo. São elementos de sinalização, folders/guias ilustrados, conteúdo impressos e elementos que dividem o espaço, como a tela de projeção para os tecidos, que fizeram-se importantes para construção das “imagens do sistema” conceituados por Norman e fundamentais para o entendimento das possibilidades de interação e experiência dentro do contexto discutido.

Portanto, a experiência do público iniciou-se antes mesmo da visitação à exposição. A identidade visual planejada e empregada nos *banners* físicos e digitais, divulgados e expostos em espaços diversos, dias antes da abertura, convidando para a mostra fizeram-se de extrema importância. Durante a realização da exposição, elementos sinalizadores indicavam a localização exata do espaço expositivo, possibilitando ao público contato inicial com os conteúdos apresentados no espaço expositivo. Os fios, presentes nas tramas dos tecidos, foram desde o início o assunto visual presente nos impressos, nos cartazes e *banners* e ao logo da exposição, aludindo tanto aos fios que, no caso particular da CTRT, eram tingidos antes do processo de tecelagem, quanto ao nome da cidade que por sua vez, também, integrou o nome da própria Companhia.

O espaço expositivo em seu conjunto, iluminação, sinalização, artefatos apresentados e percurso projetado, é elemento constituidor de experiência, interferindo diretamente nas percepções do público visitante, constituindo-se como aspecto determinante no planejamento. A organização do ambiente expositivo estabelece relações entre o conteúdo, a realidade espacial e o indivíduo, estimulando experiências múltiplas, A figura 2 apresenta o

percurso expositivo planejado para deslocamento do público visitante e interação com materiais distintos.

Figura 2 – Percurso planejado para a exposição.



Fonte: Os autores, 2019.

São observados artifícios específicos para a estimulação e geração de sentidos, estes interpretáveis a partir do conteúdo comentado pela narrativa expográfica, considerados promotores de imersões (FERNÁNDEZ e FERNÁNDEZ, 2003, p. 41). Os elementos de caráter imersivo também são considerados para auxiliar a experiência do público durante a visita, com especial atenção às tecnologias de imagem e som que, junto do planejamento técnico, permitem a produção de ambientes imersivos (ROCHA, 2021, p. 53).

Segundo Fernandez (2021), podemos categorizar a imersão expositiva em 4 grupos. O primeiro condiciona a experiência apenas às tecnologias habituais do espaço, como a iluminação nativa e o recurso sonoro presente. O papel principal de emissão recai sobre o espaço arquitetônico, essa interação do espectador vai depender da sua relação com o ambiente e o interesse nos objetos expostos. O segundo grupo adiciona outros elementos às instalações físicas, como projeções que invadem e transformam o espaço. Já no terceiro grupo, observa-se uma perda de partes da percepção do espaço real, com a combinação de elementos virtuais. No quarto grupo a realidade virtual faz desaparecer por completo o espaço real, tudo que o espectador percebe é gerado mediante tecnologias que criam a sensação de imersão, por completo, em um espaço eminentemente novo, podendo incluir trajes especiais e equipamentos vestíveis (FERNANDEZ, 2021, p. 8).

A exposição “Fio Tinto - design na produção têxtil da CTRT” pode ser percebida como integrante do segundo grupo de proposição imersiva. Neste são abordados além das instalações físicas e equipamento comuns de iluminação, a possibilidade de projeções de imagens e articulações com sonoridades. No espaço expositivo o visitante pôde ouvir, ao longo de todo o percurso, o som de teares industriais em funcionamento, um som repetitivo e contínuo fazendo alusão ao trabalho executado na fábrica da CTRT. Outro ponto de destaque, com relação à imersão, se refere às visualidades, tanto as impressas, como os artefatos físicos e as projeções do acervo imagético (Figura 3). As projeções possibilitaram ao visitante observar as fotografias digitais das amostras têxteis em dimensões ampliadas, evidenciando a trama e a qualidade técnica dos tecidos apresentados e, ainda, comparar os diferentes materiais e formatos de tramas apresentados no espaço expositivo.

Figura 3 – Painel para projeções e fios pendentes.



Fonte: Os autores (2019).

Outro contributo para a imersão foi a intenção de atrair a atenção do visitante rapidamente, nos primeiros instantes de interação. Teixeira (2018) apresenta um exemplo considerando os jogos digitais populares. Nestes, normalmente, fases iniciais descomplicadas e, propositalmente simplificadas, são apresentadas para que as regras sejam entendidas e que frustrações não ocorram logo de início. Isso evita que o usuário abandone ou desista da mídia apresentada. Do mesmo modo, artifício semelhante pode acontecer nos espaços expositivos.

Esta abordagem foi utilizada na exposição disponibilizando-se, logo no início do percurso expositivo, Folder/Guia ilustrado (Figura 4 e 5), elaborado com o conteúdo apresentado na mostra. Para Norman (2018, p.97) “Uma propriedade geral e comum da memória é que só armazenamos descrições parciais das coisas a serem lembradas, descrições que sejam suficientemente precisas para funcionar na ocasião em que algo é aprendido, mas que podem não funcionar mais tarde, quando novas experiências são encontradas e armazenadas na memória”, desse modo o guia ilustrado serviu para expandir a experiência desse indivíduo com

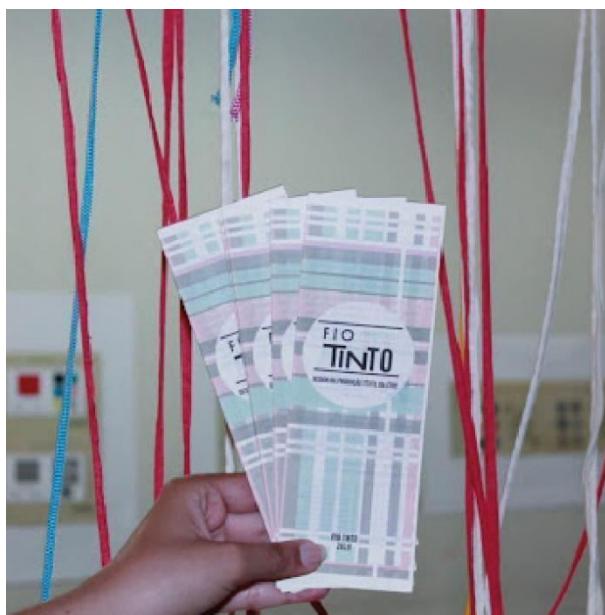
o conteúdo apresentado na mostra. A linguagem deste artifício visou abarcar distintos grupos etários, desde crianças a adultos, permitindo ao visitante levar consigo um pouco da exposição para casa.

Figura 4 – Painel com informações da exposição.



Fonte: Os autores (2019).

Figura 5 – Exemplares do Folder/Guia ilustrado



Fonte: ClickLab (2019).

A fim de despertar progressivamente o interesse do público durante o percurso, na parede lateral direita à entrada, foram apresentados os primeiros painéis visuais (Figuras 6 e 7), constituídos por textos e imagens impressas a cores em papel couché. Nestes painéis o público pode ver e ler sobre a construção dos tecidos e sua história, compreendendo a complexidade do produto têxtil desenvolvido na Companhia de Tecidos Rio Tinto. Este recurso visual

mostrou-se rico para o entendimento dos tecidos, existentes no quotidiano de cada indivíduo, proporcionando envolvimento com o tema da exposição.

Figura 6 – Visão geral dos painéis expositivos 1.



Fonte: ClickLab (2019).

Figura 7 – Visão geral dos painéis expositivos 2.

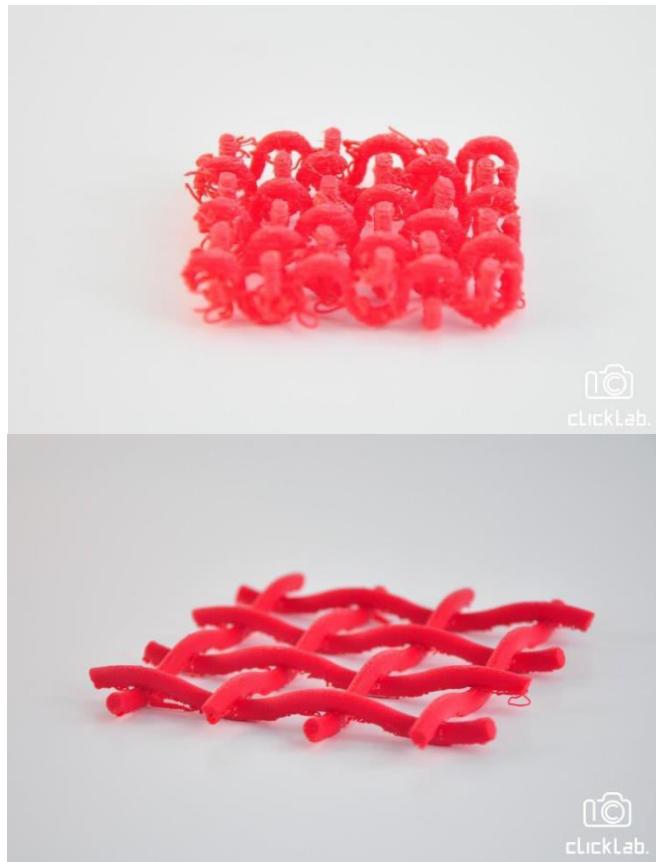


Fonte: ClickLab (2019).

À medida que o visitante se inseria no percurso expositivo os assuntos abordados mostravam-se mais específicos. Para evitar saturação de informações por excesso de atenção, os materiais de caráter explicativo que exigiam leitura, foram intercalados com elementos físicos e tridimensionais estritamente visuais e passíveis de interação, por meio do toque. Estes elementos que chamaram a atenção do público, foram impressões 3D, em PLA (ácido polilático) na cor vermelha, de tecidos do tipo tela, apresentando construções dos fios, em

urdume e trama (Figura 8). Outros elementos exibidos, como apoio visual e tátil, foram teares artesanais (Figura 9), nos quais foram apresentados os três tipos básicos de construção têxtil, tela, sarja e cetim. Com o material físico, o público pode perceber aplicações efetivas dos assuntos apresentados, por meio de textos e imagens, nos painéis visuais introdutórios. Desse modo, ao visualizar e até mesmo tocar os modelos de tramas têxteis, o público visitante pode experienciar a materialidade dos tecidos, mesmo que em teares artesanais e modelos tridimensionais digitalmente impressos.

Figura 8 – Impressão 3D com urdume e trama do tipo tela.



Fonte: ClickLab (2019).

Figura 9 – Teares Artesanais com urdume e trama dos tipos tela, sarja e cetim.



Fonte: ClickLab (2019).

O visitante poderia seguir o percurso da exposição de forma independente ou com o apoio do guia impresso e da mediação, esta conduzida pela equipe do projeto ou por demais estudantes integrantes do GEHD (Figura 10). Os mediadores, enquanto acompanhavam os visitantes, explicavam de forma oral acerca do material exposto, fazendo o público se sentir mais confortável para formular perguntas e explorar dúvidas, interagindo verbalmente com os mediadores sobre o tema da exposição.

Figura 10 – Mediação para visitantes conduzida por integrante da equipe do projeto.



Fonte: Os autores (2019)

Sabemos que uma experiência pode ser considerada positiva quando uma tarefa é realizada com sucesso em um menor tempo. Para isso, devem ser observados com cuidado o entendimento do usuário acerca do “sucesso” e “tarefa realizada a um menor tempo” (TEIXEIRA, 2018). No entanto, no contexto expositivo alguns artefatos podem demandar um maior tempo de observação se comparados a outros, essa necessidade deve ser considerada para a gestão do fluxo dos visitantes, congestionamentos muitas vezes têm aspecto negativo pois inibem o livre deslocamento, comprometendo a apreciação e a possibilidade de interação.

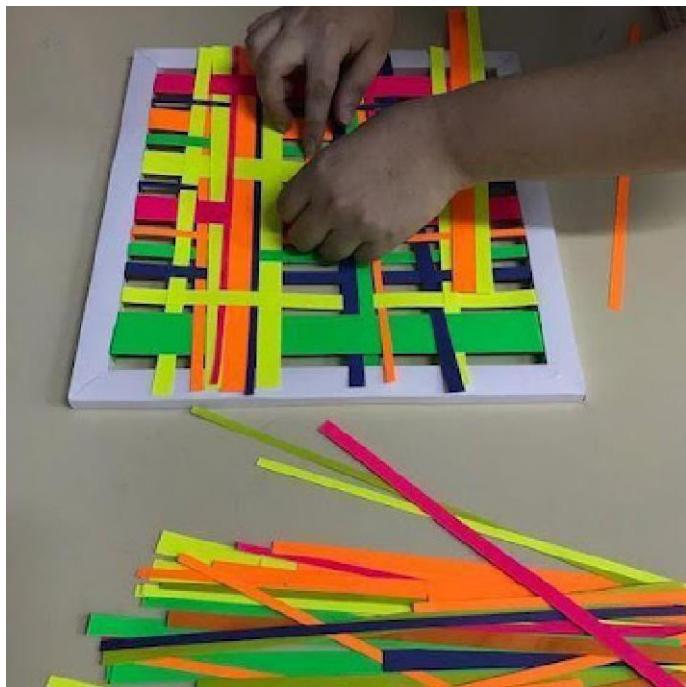
As tarefas a serem realizadas dentro do contexto expositivo podem apresentar caráter prático, executar uma ação direta de interação como tocar objetos. Podem também apresentar cunho cognitivo, com maior distanciamento do objeto e interação menos direta, quando apenas se observa, por meio da leitura, da visualização de imagens e objetos e/ou da apreciação do ambiente expositivo, e se entende as relações entre as seções do ambiente e os conteúdos apresentados.

Conhecer profundamente o acervo a ser exposto contribui para o planejamento detalhado do tempo para realizar com sucesso as tarefas propostas na exposição. A partir disso, no percurso expositivo, aqui destacado, foi previsto um elemento exclusivamente para interação direta (Figura 11) que demandou maior tempo do visitante.

Após passar por todas as seções de conteúdos textuais, de objetos físicos e imagens, o visitante se via convidado a experimentar, de maneira lúdica e simplificada, o processo de tramar. Em uma moldura vazada construída com papel, foram acrescidas tiras retilíneas de papeis coloridos coladas em uma mesma orientação, a fim de simular a posição dos fios fixos (urdume) do processo de tecelagem em tear manual. Outras tiras de papel, também coloridas, foram dispostas sobre a mesa de apoio para que com elas, o visitante pudesse realizar a atividade de tramar, encaixando e sobrepondo as tiras na forma que desejasse. Ao finalizar a construção o visitante era estimulado a fotografar o resultado do seu trabalho e, muitos destes

registros foram publicados nas redes sociais dos visitantes, tornando-se elementos de divulgação e de documentação da exposição. Com esta proposta, visava-se, tentativas de reprodução dos tipos de construção têxtil apresentados no percurso expositivo. Esta proposta de interação direta, se constituiu como momento de descontração, aplicação e experimentação do tema da exposição por parte do público visitante.

Figura 11 – Interação do visitante com o Tear de papel.



Fonte: Os autores (2019)

Outros dois elementos presentes na exposição auxiliaram no envolvimento do público visitante com o ambiente expositivo, ou seja, no processo de imersão. Foi instalado um extenso painel visual, composto por tramas elaboradas com de papeis coloridos (os mesmos papeis disponibilizado aos visitantes para e confecção de tramas), realizadas por estudantes do Curso de Design da UFPB, em workshops promovidos durante a implementação do projeto. O intenso colorido, a variedade de tramas e a dimensão do painel, foram fatores de atração do

olhar do visitante ao adentrar a sala. Ocupando quase que totalmente o espaço de uma das quatro paredes da sala, sem no entanto, apresentar títulos, autoria ou informações explicativas acerca de técnicas e materiais empregados, o painel de tramas tornava-se atraente e enigmático ao visitante. No entanto, ao confeccionar sua própria trama, o visitante identificava a similaridade com o painel apresentado, percebendo-se imerso e participativo no ambiente expositivo.

Outro elemento de interação, de caráter mais casual, é caracterizado por fios coloridos de algodão, dispostos no espaço expositivo. Ao serem pendurados em calha suspensa do teto, os fios pendiam no espaço, produzindo uma divisão na sala e criando ambientes no espaço expositivo. Ao transitar no ambiente, o visitante poderia tocar os fios com seu corpo, voluntária ou involuntariamente, experienciando de maneira tátil os elementos expostos.

Ao fim do percurso expositivo, podemos refletir sobre o papel do design na retomada da memória por meio do material. As experiências dos visitantes, com os artefatos apresentados, descrições de processos da produção dos tecidos e interação visual, sonora e tátil no espaço expositivo e em seus desdobramentos, podem auxiliar na recuperação de memórias e na consequente valorização e preservação do patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial. Esta perspectiva é também defendida por Vasconcelos:

Propostas inovadoras nos projetos de design podem possibilitar ações preventivas no que tange à obsolescência de alguns produtos e processos de produção. E essa ação preventiva pode ajudar a preservar tanto o patrimônio material quanto as referências e memórias impregnadas no mesmo. Considerando a utilização das referências e conceitos trazidos pelas memórias de artefatos de ontem para novos projetos, o design contribui para a conservação da cultura e história que mantêm-se vivas nas aplicações projetuais e sob essa perspectiva o design atua em sua preservação (VASCONCELOS, 2017, p. 21).

Pedersoli e Roncorni (2013, p. 9) acreditam que a produção de uma exposição nunca cessa por completo, sempre ocorrem desdobramentos e lacunas possíveis de contemplação em momentos posteriores, seja um assunto que não foi abordado, um conteúdo a ser expandido ou, ainda, um planejamento que considere novos espaços e públicos diversos (PEDERSOLI e RONCORN, 2013, p. 1).

Dessa maneira, o momento “pós-expositivo” muito contribui para novas ações, reorganizações e implementações, antes não consideradas, e a avaliação da experiência vivenciada pelo público visitante, tomada como experiência do usuário, pode ser um dos artifícios para reflexões e apontamentos futuros. Com o intuito de entender a experiência vivida foi disponibilizado, ao final do percurso expositivo, na porta de entrada da sala, um livro de registro dos visitantes e um questionário, nos quais o público pode registrar sua presença e deixar comentários. Este material faz parte da memória e documentação da exposição, e poderá gerar conteúdo utilizado como guia para montagens futuras, os comentários e as impressões deixados por esses indivíduos serão comentadas na próxima seção.

3 Estudo de público na exposição Fio Tinto

Para os estudos de público em museus¹⁰, “o eixo é o visitante: busca-se saber suas necessidades e desejos para decidir quais informações serão comunicadas e de que maneira será sua apresentação” (ALMEIDA, 1995, p. 325). Logo, visando futuras mostras, foi necessário olhar a partir da perspectiva do público para conhecer como aconteceu a fruição da exposição “Fio Tinto - design na produção têxtil da CTRT”. Para isso optou-se por utilizar diversificados meios como instrumentos para coleta de dados: um questionário, um livro de registro dos visitantes, posts em redes sociais, análise de fotografias e filmes capturados durante a visitação, análise de manifestações de visitantes durante a visitação, em especial na relação com os mediadores.

Segundo o manual de “Sistema de coleta de dados de público de museus”, do Observatório Ibero-americano de Museus (OIM), esse tipo de pesquisa está relacionada ao público real e ao potencial, como por exemplo, suas características sociodemográficas (idade, gênero, nível educacional, etc.), e psicológicas (motivação, atitudes, estilos de vida, preferências, etc.), como também, “os estudos com tendência para desenvolvimento de estratégias para a captação de novos visitantes” (OIM, 2018, p. 75).

No planejamento da exposição, os artifícios utilizados para captar visitantes passaram por planejamento que incluiu a construção de relacionamentos antes, durante e após o acontecimento da exposição. Esse tipo de estratégia está previsto nos estudos sobre acessibilidade em museus. Segundo o Instituto Português de Museus (IPM), em publicação com o tema museus e acessibilidade, com ênfase na acessibilidade da informação, esta deve ser disponibilizada em vários níveis e formatos alternativos (IPM, 2004). Dentre as orientações para o material escrito, é indicado a utilização de uma “linguagem fácil” por ser mais acessível, podendo ser caracterizada, também, pela utilização de “uma linguagem simples e directa” (IPM, p. 53, 2004). Assim, uma peça gráfica digital foi elaborada para ser amplamente divulgada por meio das redes sociais dos integrantes do projeto e perfis parceiros, como o do Curso de Design da¹². Esta ação teve como finalidade convidar o público, informando a data e o local do evento, como pode ser visto na Figura 12.

Figura 12 – Banner digital para divulgação da exposição Fio Tinto.



Fonte: Os autores (2019).

Outro dispositivo utilizado para coleta de dados foi a disponibilização do livro de registro dos visitantes, para que estes pudessem registrar sua presença e deixar comentários. Durante os dois dias em que ocorreu a exposição foi contabilizado, por meio do livro de registro dos visitantes, o total de 92 participantes. Para Almeida (1995, p. 329) “uma visita pode gerar três tipos básicos de impacto: cognitivo (fatos, conceitos, princípios, habilidade de resolver problemas...); afetivo (excitação, amolação, disposição para entender outros pontos de vista, confiança em si...) e sensoriomotor (atividades manuais práticas complementares à exposição)”. Logo, puderam ser observadas as impressões do público, por meio dos comentários deixados no livro de registro dos visitantes, parabenizando a equipe responsável pela organização da exposição, como também, manifestando observações sobre o papel do design na cidade de Rio Tinto, como é possível ler nos exemplos apresentados na Figura 13.

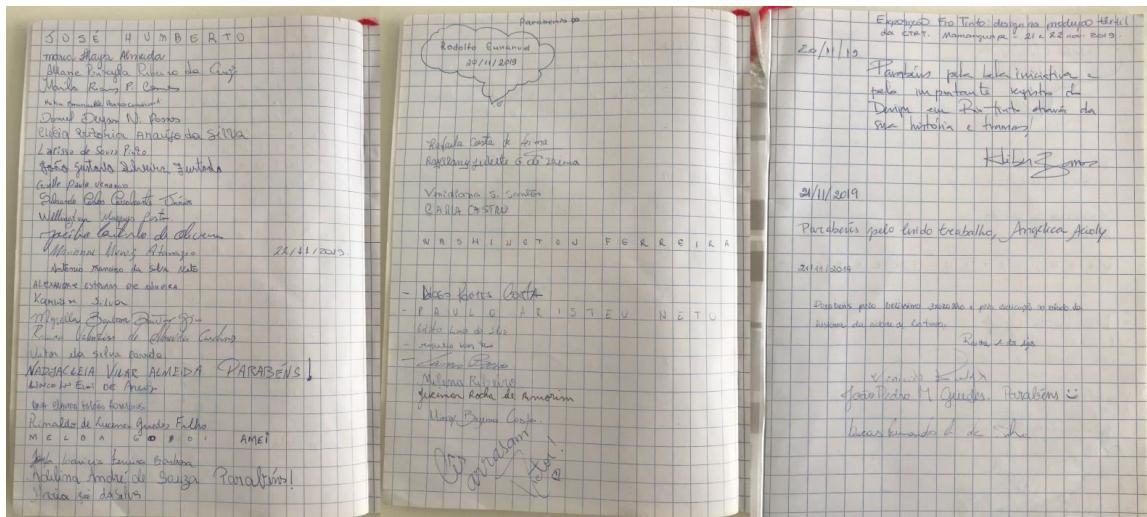


Figura 13 – Três páginas do Livro de registro dos visitantes da exposição Fio Tinto.

Fonte: Os autores (2019)

O questionário de livre preenchimento, por sua vez, foi aplicado ao final da visita, resultando no quantitativo de 19 colaboradores que optaram por contribuir com a pesquisa. A estrutura do questionário foi dividida em duas partes. A “Parte 1: caracterização do participante”, foi composta com perguntas a respeito da idade, sexo, profissão/ocupação e curso/área. A “Parte 2: sobre a exposição”, era composta por duas perguntas abertas, nas quais o participante poderia discorrer sobre as suas impressões a respeito da experiência no ambiente expositivo.

Na primeira parte do questionário, dedicada à caracterização do participante, foi constatado que a faixa etária do público circunscrevia-se entre 19 e 47 anos. Pessoas do sexo feminino e masculino estiveram presentes, apesar de existir a opção “outros”, nesta pergunta, ela não foi marcada. Na questão sobre “profissão/ocupação” observou-se a participação, em grande

maioria, de estudantes, seguido de professores, designer gráfico, pedagoga, servidor público e servidor público federal. No tocante a “área/curso” foi predominantemente formada por design e design de produto, logo após ecologia, seguido por pedagogia, química e direito. A análise dos dados corroborou com a expectativa da equipe do projeto, para o público esperado para a exposição, apresentada no âmbito de evento científico promovido pela ¹³, dedicado especialmente ao público interno da instituição.

A segunda parte do documento, composta por duas questões abertas, visava a livre manifestação dos visitantes. Na primeira, os indivíduos foram indagados com a seguinte questão: “Quais novos aspectos acerca da produção têxtil da Companhia de Tecidos Rio Tinto - CTRT, você conheceu nesta exposição?”, boa parte das respostas se concentraram nos novos aprendizados sobre: processos de fabricação de um tecido, os diferentes tipos de trama e de tecidos, os variados tipos de fibras e a diversidade apresentada de fios. Os visitantes também abordaram outras questões como: o design está presente em todo o processo de fabricação do tecido, a diversidade de tipos de padrão de tecido fabricados na CTRT, o maquinário usado na CTRT, a impressão 3D do tecido. Além dos conhecimentos adquiridos sobre a fabricação dos tecidos produzidos na CTRT, ainda foram comentadas questões em relação à experiência de tecer em papel, os trabalhos em teares manuais realizados durante os workshops, e por fim, a criatividade e possibilidade de novas ideias.

Na segunda questão, indagou-se: “Quais pontos positivos e negativos você identificou na exposição? (ambiente, instalações físicas, conteúdo, legibilidade)”. Assim, a respeito dos pontos positivos, as respostas salientaram a mediação realizada por alunos, a iluminação diferenciada, a boa visualização dos materiais apresentados, a decoração do ambiente, a criatividade, o circuito expositivo proposto, a montagem, a legibilidade dos painéis, a sonorização, o folder, a qualidade gráfica do material apresentado, o uso das cores nos artefatos expostos, a qualidade das amostras têxteis, o acesso à informação, a cronologia dos assuntos abordados e as possibilidades de interação com o visitante. Além disso, ainda foi mencionado o interesse por estabelecer interligação entre o design e o contexto histórico da região por meio da exposição. Com relação aos pontos negativos, os participantes responderam que alguns aspectos da organização da sala não foram adequadamente observados e, também, que não foram apresentadas amostras reais dos tecidos, apesar da representação por meio de imagens fotográficas. Observações foram feitas quanto às dificuldades de leitura devido ao tamanho das letras utilizadas no material gráfico. A estrutura e localização da sala também foi desaprovada, apontamentos registraram que as paredes pareciam estar sujas, além do local ter sido considerado demasiado escondido, sendo que uma maior visibilidade atrairia mais pessoas à visitação.

Assim, por meio das manifestações colhidas no livro de registro dos visitantes e das respostas do questionário, foi possível perceber os impactos da exposição junto aos visitantes. Nos comentários deixados no livro de registro dos visitantes e na segunda parte do questionário, em que o visitante discorreu e expressou suas opiniões, os pontos positivos sobressaem em relação aos negativos. A análise das manifestações possibilitou constatar que o objetivo principal de apresentar o material organizado no projeto Têxteis Fabris, por meio de uma exposição, foi cumprido, promovendo também, outros tipos de experiências de acordo com a perspectiva de cada visitante. Tendo em vista que a exposição tem caráter itinerante e que sua primeira edição aconteceu em um espaço cedido pela organização do evento no Campus IV, os

pontos negativos apontados, acerca da estrutura e localização da sala, poderão ser revistos, quando da reserva de espaços junto à instituição para novas montagens.

Além dos dados coletados e registrados como questionário e livro de visitantes, por meio de observação *in loco*, a equipe responsável pela mediação¹¹ da exposição também pode captar as manifestações dos visitantes. Assim, foram percebidos pelos mediadores diversos tipos de comentários e reações dos visitantes, muitos destes expressavam o contentamento por estarem participando da exposição. Foram ainda manifestadas sugestões que visavam contribuir com futuras mostras, e a possibilidade de utilização do Guia (Figura 14) como material de apoio na disciplina de design de moda no Curso de Design da UFPB.

Figura 14 – Visitante utilizando o Folder/Guia da exposição Fio Tinto

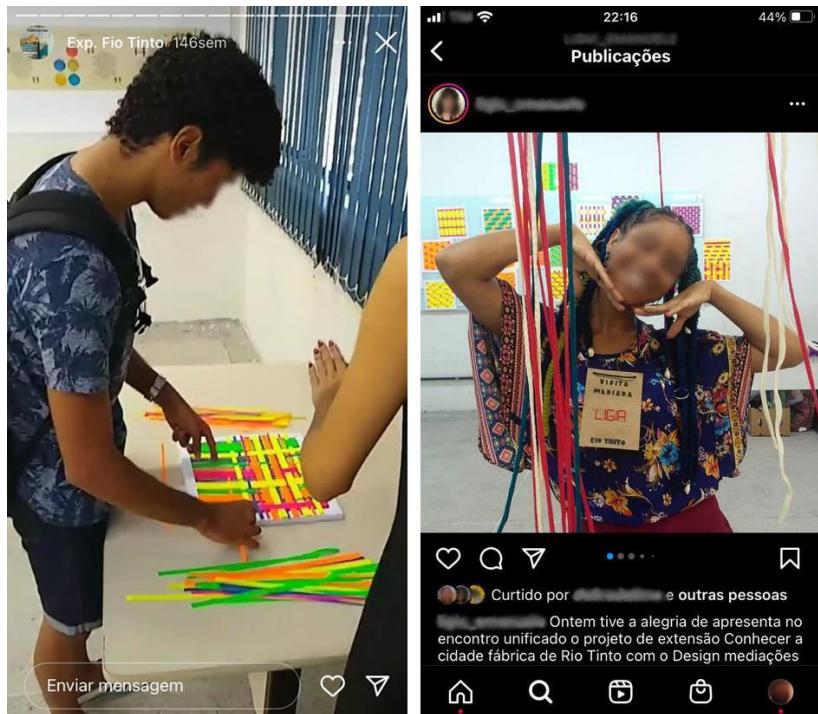


Fonte: ClickLab (2019).

Ainda é possível apontar as manifestações dos visitantes nas redes sociais, colhidas nos dias que se seguiram a exposição. As imagens e os comentários postados no Instagram (Figura 15) e nos grupos de Whatsapp demonstraram uma repercussão positiva da exposição, além de possibilitar a disseminação dos conteúdos veiculados durante a mostra, incentivando o interesse de novos visitantes a outras montagens.

Figura 15 – Interação do público visitante nas redes sociais.

¹¹ No contexto brasileiro, o termo mediação está fortemente associado a práticas educativas desenvolvidas em museus e centros culturais, especialmente aquelas direcionadas às exposições de artes visuais (COUTINHO, 2011, p. 1102).



Fonte: Redes Sociais (2019).

Foi, portanto, possível observar que as pesquisas de público, com aplicação do questionário, livro de registro dos visitantes, posts em redes sociais, fotografias, filmes e manifestações de visitantes durante a visitação, permitem que além de conhecer os visitantes, os organizadores visualizassem o próprio trabalho a partir das manifestações do público. O levantamento permitiu verificar que a maioria dos visitantes foi composta por estudantes da área do design, este dado foi visto de forma positiva, uma vez que ocorreu o compartilhamento das informações com os demais estudantes do Curso no qual o projeto foi desenvolvido. Ficou evidente também, por meio dos relatos, que os materiais produzidos e expostos contribuíram para o conhecimento do público acerca do tema abordado. A experiência do público e da equipe do projeto pode ser observada em diferentes aspectos, para além da manifestação do aprendizado de cunho cognitivo advindo da leitura e visualização de conteúdo. São observadas também reações às sensações provenientes das experiências visuais, tátteis e auditivas, descritas pelos visitantes de maneira positiva. Os pontos negativamente abordados puderam proporcionar ao grupo reflexões visando as próximas montagens da exposição, em especial, quanto a escolha do local, a legibilidade do material gráfico e detalhes da aparência do espaço expositivo. Existiu, por parte dos visitantes, uma expectativa de visualização das amostras têxteis originais da fábrica de Rio Tinto, no entanto, esta possibilidade não seria viável para a montagem realizada, uma vez que as amostras físicas pertencem aos arquivos da CTRT e demandariam negociações, parcerias e cuidados muito especiais para a apresentação em uma exposição.

Desta forma, a pesquisa de público possibilitou conhecer a manifestação da visão subjetiva do visitante sobre a exposição. Os impactos discorridos pelos visitantes, tanto positivos quanto negativos, proporcionaram aos integrantes do projeto analisar diferentes perspectivas, cujos desdobramentos podem refletir na maneira como a exposição irá se comportar em futuras edições.

4 Outras montagens de uma mesma exposição

Apresentamos ao longo deste artigo o percurso de planejamento, montagem e, visitação da exposição “Fio Tinto - design na produção têxtil da CTRT”, com especial ênfase à visitação e seus desdobramentos. Refletimos acerca do papel do design no desenvolvimento do projeto expositivo (organização do acervo, planejamento, formatação do espaço e modos de apresentação do material disponível); das experiências dos visitantes com o material apresentado (o ver, por meio de leitura e visualização dos documentos e objetos, o tocar, por meio da manipulação e construção de tramas e, ainda, o ouvir, por meio da sonorização do ambiente); da contribuição para a valorização do patrimônio material e imaterial da região (a partir da divulgação dos saberes fabris e do ato de tramar).

As impressões dos visitantes, o estudo de público realizado durante a exposição, permitem repensar projetos expositivos para novas montagens da exposição. Percebemos o forte impacto causado pelo uso do som de máquinas têxteis repercutindo no ambiente e identificamos a necessidade de fortalecer este aspecto, uma vez que foram percebidas dificuldades no gerenciamento do espaço com relação a manutenção e guarda de equipamentos. Outro aspecto que se mostrou relevante para a imersão dos visitantes na exposição foi a manipulação de papéis para a realização de tramas. Percebemos a necessidade de ampliar essa oferta no ambiente, proporcionando ao visitante maior tempo de permanência no espaço expositivo, por meio da interação real com os materiais expostos.

Manifestações com relação a problemas de iluminação e inadequação da sala, com especial ênfase ao seu estado de conservação, haviam sido percebidos pela equipe do projeto, sem no entanto, ter conseguido alterá-los em tempo suficiente para a realização do evento. Certamente, estes aspectos podem e devem ser observados com maior afinco e detalhamento em montagens futuras.

Para além da montagem física, o período de pandemia evidenciou a possibilidade de realização de uma montagem virtual que poderá contribuir no acesso e na divulgação do conteúdo exposto a um público muito mais amplo. A possibilidade de acesso à exposição virtual poderá levar a desdobramentos como, o desenvolvimento de estudos e pesquisas relacionados ao tema da produção têxtil da CTRT. A possibilidade de uma exposição virtual mante-se em aberto, uma vez que o Departamento de Design da UFPB conta com laboratórios e recursos técnicos capazes de viabilizar a execução de projeto com este fim.

Assim, as experiências da equipe do projeto, as impressões relatadas pelo público visitante e as análises dos resultados, certamente poderão auxiliar no planejamento das demais mostras previstas para a exposição “Fio Tinto - design na produção têxtil da CTRT” que se pretende itinerante e também virtual. A transmissão da memória pode ocorrer de diversas maneiras e, a exposição cumpre também este papel transformando um momento de apreciação em momento de interação com o espaço expositivo, proporcionando resgate de memórias e aprendizados, por meio de ferramentas do design. Espera-se ter a oportunidade de remontar a exposição em diferentes locais e meios, dando continuidade ao trabalho de evocar a valorização desse importante patrimônio cultural da cidade fábrica de Rio Tinto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. Estudos de público: a avaliação de exposição como instrumento para compreender um processo de comunicação. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 5, p. 325-334, 1995.

BRAVO, Carmen Ochoa. GONZÁLES, Susana Morales. OCHOA, Carlos Crespo. **La Exposición: Diseño y montaje.** (Manual do Curso de curta duração) - Governo da Espanha. Aula mentor: Barcelona, 2017 a. Disponível em: http://descargas.pntic.mec.es/mentor/visitas/Expocision_diseño_y_montaje.pdf. Acesso em: 10 de Abril de 2022.

BRAVO, Carmen Ochoa. GONZÁLES, Susana Morales. OCHOA, Carlos Crespo. SABEVA, Denica Veselinova. **Las exposiciones: Tipos y diseño.** Editora Secretaria Geral Técnica: Barcelona, 2017 b.

COUTINHO, Rejane Galvão. Questões sobre mediação e educação patrimonial. **Encontro da associação nacional de pesquisadores em artes plásticas**. v. 20, 2011. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/rejane_galvao_coutinho.pdf. Acesso em: 10 de Abril de 2022.

FERNÁNDEZ, Isabel García. FERNÁNDEZ, Luis Alonso. **Diseño de exposiciones:** concepto, instalación y montaje. Alianza Editorial: Madrid, 2003. Disponível em: https://issuu.com/rafaelcarias/docs/dise_o_de_exposiciones_-_concepto__. Acesso em: 28/03/2022.

FERNÁNDEZ, Lucía Pascual. **La percepción sensorial como medio de alteración de un espacio:** Análisis de las experiencias inmersivas y su intervención tecnológica en cuatro casos de estudio. 2021, 55 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em fundamentos da arquitetura) - Departamento de Arquitetura, Universidade Politécnica de Madrid, Madrid, 2021.

GICO, M. B. D. et al. Aplicações de estudos da produção têxtil na companhia de tecidos Rio Tinto. **Plural Design**, v. 3, n. 1, p. 125-137, 2020a. Disponível em: <http://periodicos.univille.br/index.php/PL/article/view/67/49>. Acesso em: 03 de Abril de 2022.

GICO, M. B. D. et al. Exposição 'Fio Tinto' como resultado dos estudos sobre a produção têxtil na Companhia De Tecidos Rio Tinto. In: **I Jornada Discente do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais**. Anais. João Pessoa (PB) Estação das Artes Cabo Branco, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/jornadadiscenteppgavufpb/215009-exposicao-fio-tinto-como-resultado-dos-estudos-sobre-a-producao-textil-na-companhia-de-tecidos-rio-tinto/>. Acesso em: 03 de Abril de 2022.

GICO, Myrella Barbosa Dantas; SALVADOR, Francisca Emanuella; SOUZA, Rodrigo dos Santos. Exposição Fio Tinto: Design na Companhia de Tecidos Rio Tinto. In: **Arte e Transmediação - Anais do 3º Congresso Intersaberem em Arte, Museus e Inclusão; III Encontro Regional da ANPAP Nordeste e 8ª Bienal Internacional de Arte Postal**. Anais. João Pessoa (PB) 2020b. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/3ciamiufpb2020/258039-EXPOSICAO-FIOTINTO—DESIGN-NA-COMPANHIA-DE-TECIDOS-RIO-TINTO>. Acesso em: 13 de Abril de 2022.

GUNN, P.; CORREIA, T. B. Núcleos autárquicos e fechados. In: PANET, A. et al. **Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano**. João Pessoa: Unipê Editora, 2002.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 03 de Abril de 2022.

Instituto Português de Museus - IPM. Temas de museologia - direção-geral do patrimônio cultural. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/acessibilidades/ipm_2004_museus_e_acessibilidade.pdf. Acesso em: 10 de Abril de 2022. MAIOLI, Lisandra. **Fixing bad ux designs**. Packt Publishing: Birmingham, 2018.

MERINO, Giselle Schmidt Alves Díaz. **GODP - Guia de Orientação para Desenvolvimento de Projetos: Uma metodologia de Design Centrado no Usuário**. Florianópolis: Ngd/ Ufsc, 2016. Disponível em: <www.ngd.ufsc.br>. Acesso em: 15 jul. 2019.

MORAES, Marina. **A colaboração no design de exposições**. 2020. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/68942>. Acesso em: 03 de Abril de 2022.

NORMAN, Donald A. **O design do dia a dia**. Editora Rocco, 2018.

Observatorio Ibero-American de Museos (OIM). Sistema de coleta de dados de público de museus. 2006. Disponível em: <http://www.ibermuseos.org/pt/recursos/publicacoes/sistemade-coleta-de-dados-de-publico-de-museus-manual-espt/>. Acesso em: 03 de Abril de 2022.

PEDERSOLI, Constanza; RONCORONI, Matilde. Emociones y decisiones en el diseño de exposiciones: El. In: **I Congreso Latinoamericano de Museos Universitarios 12 al 15 de noviembre de 2013 La Plata, Argentina. Debatir para construir: un espacio de reflexión sobre el patrimonio**. Red de Museos de la Universidad Nacional de La Plata (UNLP), 2013.

PEREIRA, Rogério. **User Experience Design**: Como criar produtos digitais com foco nas pessoas. Casa do Código: São Paulo, 2018.

ROCHA, Francisco Eliezer Pereira da. **Auténticas reproducciones**: Un acercamiento a las exposiciones inmersivas de Barcelona (2019-2021). 2021. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Avançado em História da Arte) - Faculdade de Geografia e História, Universidade de Barcelona, Barcelona, 2021.

SALVADOR, Francisca Emanuella. **Guia Ilustrado Para Exposição Fio Tinto**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Departamento de Design, Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16473>. 03 de Abril de 2022.

TEIXEIRA, Fabrício. **Introdução e boas práticas em UX design**. Casa do Código: São Paulo, 2014.

VASCONCELOS, Camila Brito de. **Memória, patrimônio, inovação e design: o caso do ladrilho hidráulico – o design frente a preservação dos artefatos de memória e do patrimônio cultural.** 2017. 201 f. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós Graduação em Design, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.